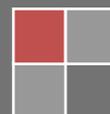


2017



BOLETIM DE PETRÓLEO

Bruno Luís Lacerda
Naiara Carvalho
Gerência de Operações e Planejamento
Outubro - 2017



1 - Cenário Econômico

As tensões geopolíticas envolvendo os EUA e a Coreia do Norte continuam gerando preocupações na economia internacional. Com vistas a pressionar o regime de Kim Jong-un o presidente americano, Donald Trump, anunciou sanções aos bancos que realizem transações com os norte-coreanos. Outro fator que vem causando agitação no mercado é a escolha do novo presidente do Banco Central norte-americano - Federal Reserve (FED). De acordo com os agentes, os dois candidatos mais cotados a assumirem o comando do FED possuem uma postura mais “hawkish”, ou seja, mais propensos ao aumento de juros. Contudo, há ainda rumores que atual presidente, Janet Yellen, ainda possa ser renomeada.

No tocante aos dados macroeconômicos dos EUA, o mercado de trabalho apresenta números comumente associados a uma economia estável. Segundo o Departamento de Trabalho dos EUA, o índice de desemprego do país em setembro alçou uma taxa de 4,2%, reiterando a avaliação de que o país encontra-se em níveis próximos ao pleno emprego. O PMI industrial obteve forte avanço, posto que o indicador registrou no mês em análise 60,8 pontos frente a 58,8 no mês anterior, demonstrando crescimento da indústria norte-americana.

Todavia, tanto a solicitação de seguro desemprego (referente à semana encerrada em 20 de outubro) quanto à criação de postos de trabalho, obtiveram repercussão negativa na economia. Na primeira, houve um aumento em torno de 11 mil requisições, registrando 233 mil pedidos do benefício. Em relação à criação de postos de trabalho, no mês de setembro, era esperada a geração de 83 mil vagas quando na verdade foram obtidas 40 mil. Todavia, tais desempenhos podem ser considerados atípicos, uma vez que foram afetados pelas tempestades tropicais Harvey e Irma, que deixaram temporariamente desempregados e adiaram contratações.

Na Europa, os atentados terroristas ocorridos em diversos países da região continuam gerando receio na economia europeia. No cenário político têm-se as incertezas quanto da saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit), sobretudo, quanto aos direitos dos procedentes de outros países da UE que vivem no Reino Unido, bem como os dos britânicos residentes em outros países do bloco. Ademais, o movimento separatista da região da Catalunha, na Espanha, tem deixado o mercado receoso, haja vista que outras regiões podem vir a traçar o mesmo caminho. Além disso, há incertezas com o cenário político alemão, pois apesar da esperada vitória da chanceler Angela Merkel, a apertada votação não garantiu a maioria no parlamento. No campo econômico, as indefinições estão a cerca da política monetária a ser implementada pelo Banco Central Europeu, que pode vir a reduzir os estímulos monetários na região.

Quanto aos dados econômicos europeus, a visão dos analistas é positiva. A taxa de desemprego ficou inalterada no mês de agosto na comparação com o mês anterior, alcançando o valor

de 9,1%. A inflação dos dezenove países que compartilham o Euro manteve-se idêntica na comparação de setembro com agosto, registrando o valor de 1,5%, influenciando assim, a decisão do Banco Central Europeu (BCE) em manter a taxa de juros oficial de 0,00% (menor patamar histórico). Quanto à indústria, o PMI da Zona do Euro apontou avanço em 0,7 pontos na comparação de setembro com o mês anterior, totalizando no período em questão 58,1 pontos, o que configura expansão da atividade industrial.

No que tange aos dados macroeconômicos da China, pode-se ressaltar que a segunda maior economia mundial apresentou uma elevação, maior do que o previsto pelo mercado, em setembro quanto ao seu PMI, registrando 52,4 pontos no mês observado ante 51,7 em agosto. Assim, na leitura do mercado, o setor industrial chinês segue forte, visto que tal índice permanece acima de 50 pontos, ou seja, dentro da zona expansão da atividade industrial. Vale ressaltar ainda, que a balança comercial chinesa obteve ganhos no mês de setembro em relação a agosto. Contudo, tal número foi bem abaixo das estimativas do mercado que aguardavam um superávit em torno de 40 bilhões de dólares, quando na verdade o indicador ficou em 28,47 bilhões de dólares.

Sob o ponto de vista doméstico, continua presente no mês de agosto a baixa inflação dos indicadores mensais de preços: O IPCA e o IGP-DI apresentaram, respectivamente, modestos avanços de 0,16% e 0,62%, enquanto o INPC apontou contração de 0,02%. Assim, tais fatos favoreceram para a continuidade nos cortes da taxa de juros Selic, que foi reduzida em 0,75 pontos base pelo Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom), ficando em 7,5% a.a.

Na seara política, a confirmação do arquivamento das denúncias contra o presidente Michel Temer, deixou o mercado mais otimista, uma vez que sua permanência no cargo representa um alívio quanto às instabilidades políticas, elevando assim, a probabilidade de aprovação de reformas que objetivam a recuperação fiscal no país. Ainda com o intuito de equilibrar as contas públicas o Governo Federal anunciou um plano de desestatização da economia, o qual incluiu, sobretudo, a privatização da Eletrobrás. Ademais, o ministro de Minas e Energia, Fernando Coelho Filho, declarou que a Petrobrás também deve ser privatizada, porém este processo deve acontecer em longo prazo.

Dessa forma, apesar dos fatores internacionais citados, a economia nacional ainda está sendo mais influenciada via acontecimentos internos. A queda no risco doméstico, tendo em vista o declínio da inflação, aliado com as possíveis aprovações de mais reformas fiscais possibilitam uma retomada da atividade econômica e da trajetória de desenvolvimento da economia brasileira.

2 - Preços

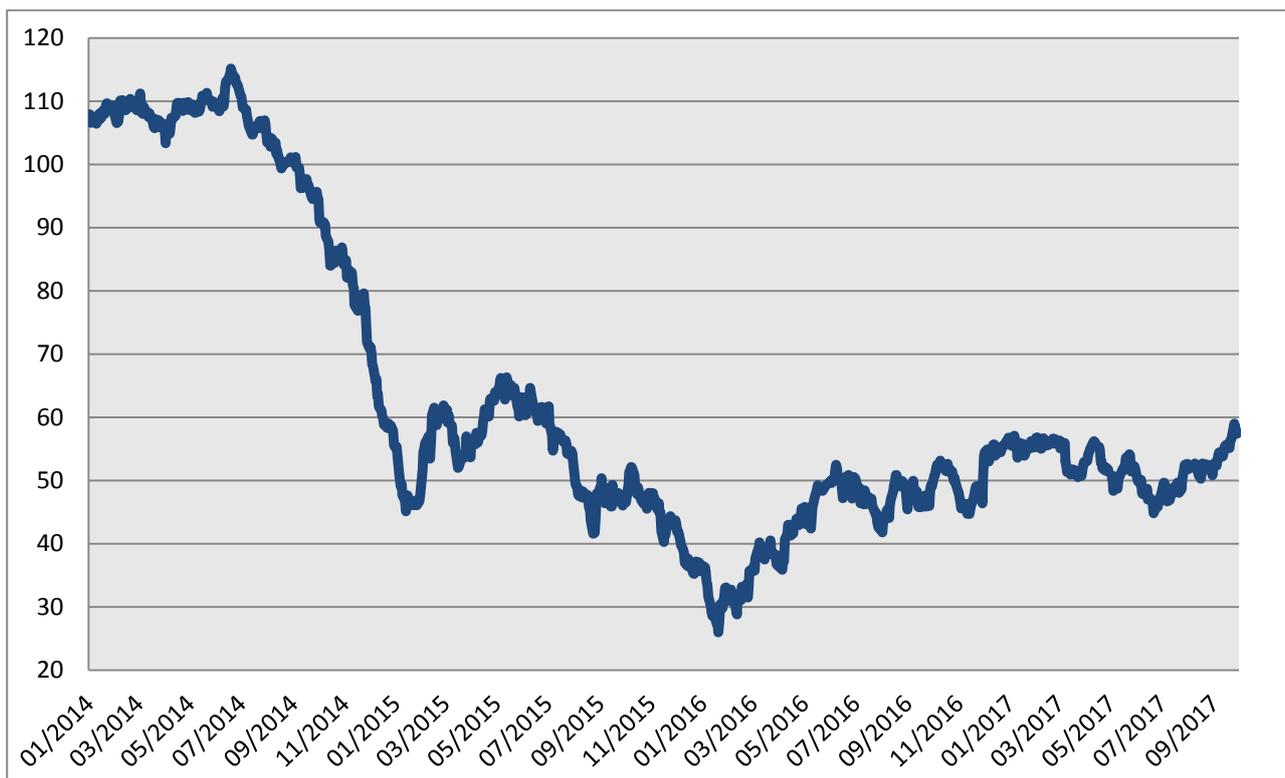
Os preços do petróleo registraram no mês de setembro de 2017 um valor mínimo de US\$ 52,34, máximo de US\$ 59,02 e média de US\$ 55,71, representando um acréscimo de 7,07% em relação ao mês de agosto. A expectativa da Agência Internacional de Energia (EIA) é que o preço do barril de petróleo feche em US\$ 52,00 para 2017 e US\$ 54,00 para 2018. Em comparação ao relatório anterior, houve aumento de US\$ 1,00 na expectativa do preço para o final deste ano e de US\$ 2,00 para o encerramento de 2018.

O Departamento de Energia dos EUA (DoE) informou que os estoques norte-americanos de petróleo bruto avançou em 0,85 milhões de barris na semana encerrada em 20 de outubro. Tal número foi acima da expectativa do mercado, cuja previsão era de queda em torno de 2,57 milhões barris, no período observado.

O gráfico 1, mostra a queda intensa no preço do barril de petróleo, a partir do segundo semestre de 2014. No mês de janeiro de 2016 o preço chegou ao valor mínimo de US\$ 26,01, e apesar das fortes oscilações a partir de então, demonstra uma tendência gradual de melhora. Já o gráfico 2, evidencia o cálculo da correlação entre as variáveis, preço do petróleo e taxa do câmbio, exibindo uma negatividade de 0,9 entre fevereiro de 2014 e setembro de 2017, podendo ser considerada uma correlação muito forte.

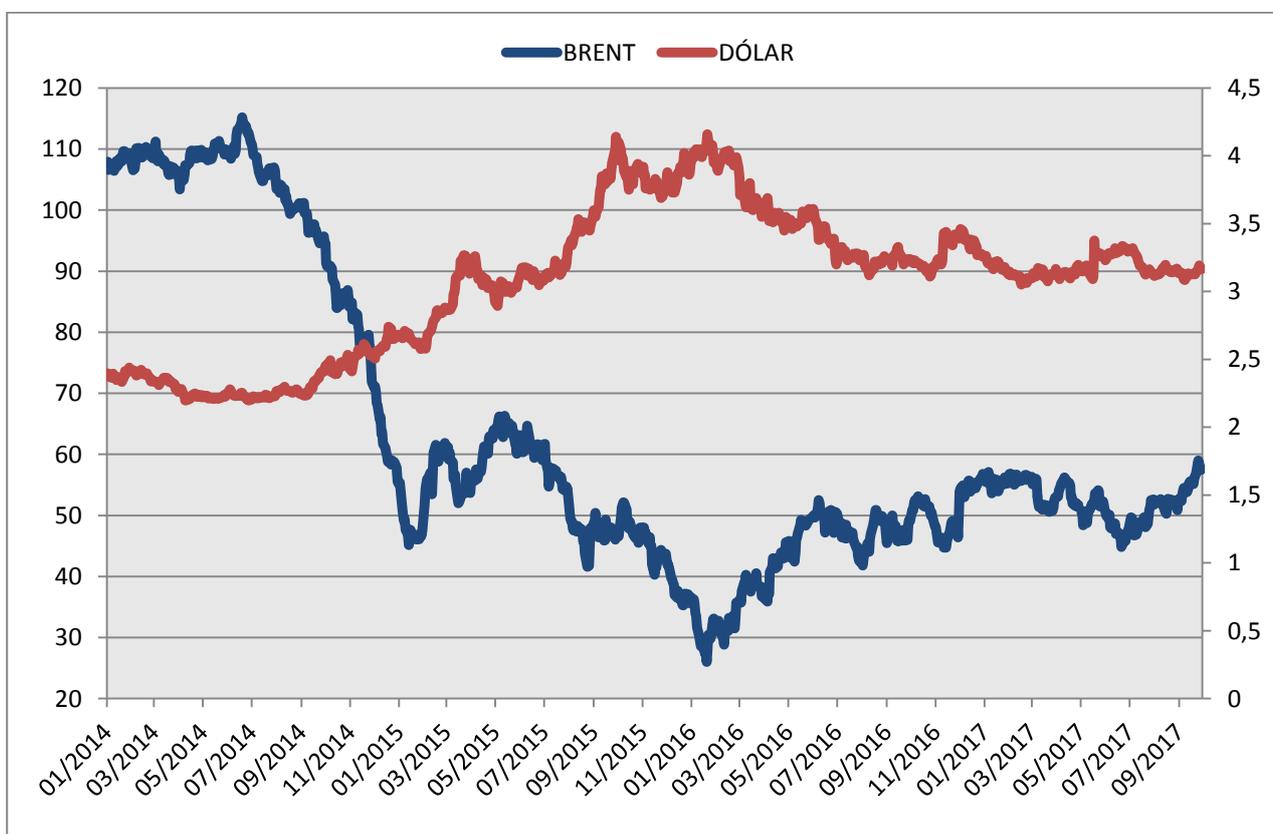
De acordo com o Boletim Focus, de 27 de outubro de 2017, a expectativa para este ano é que o câmbio encerre cotado em R\$ 3,19. A média do câmbio no mês de setembro ficou em R\$ 3,14. Assim, o Banco Central estima uma desvalorização do Real ante ao Dólar, fato este que pode ser associado a fatores internos, tal como as crescentes incertezas ligadas ao cenário político, onde os investidores tendem a diminuir seu apetite ao risco, buscando assim divisas mais seguras, como o Dólar.

Gráfico 1: Preço do Brent



Fonte: ICE/ GOP

Gráfico 2: Brent X Dólar



Fonte: GOP/ICE/Bacen

3 - Demanda

Segundo dados da OPEP, a demanda global para 2017 deve crescer 1,42 milhão de barris por dia (mb/d) em relação a 2016. Tal expectativa manteve-se inalterada em relação ao relatório do mês anterior. A estimativa da EIA, está em conformidade com a da OPEP: haverá um crescimento da demanda por petróleo neste ano, contudo esta presume um aumento de 1,35 (mb/d) ante ao ano anterior (manteve-se a mesma projeção em comparação ao relatório passado). Assim, ambas as agências estão de acordo quanto à expansão da demanda em 2017, fato este que tende a dar maior equilíbrio ao mercado, compensando o excesso de oferta global de petróleo, recuperando assim seu preço.

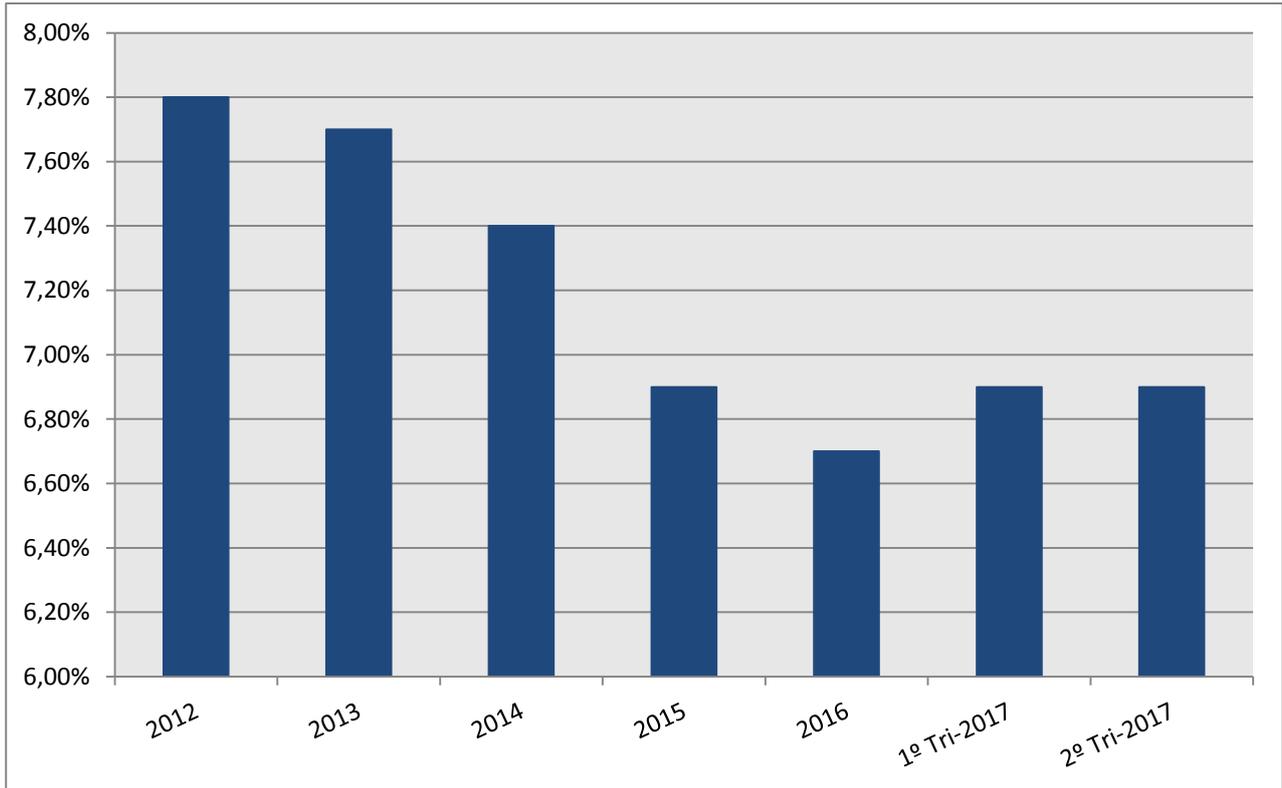
A OPEP e a EIA entram também em conformidade, no que concerne aos países que impulsionarão tal avanço. As duas instituições salientam que a região da Ásia tende a ter um papel fundamental pela procura de petróleo, pois grande parte desse crescimento será consumida pela Índia e China. Contudo, analisando individualmente cada país o maior demandante é os EUA, pois ele somente consome cerca de 20% do petróleo mundial.

A China é a segunda potência econômica mundial, sendo a maior exportadora de bens para o resto do mundo. Apesar da desaceleração, vista no gráfico 3, o crescimento chinês ainda é forte se comparado a maioria dos países. Sendo assim, seu consumo por petróleo se mantém crescente.

A Índia vem vivenciando nos últimos anos um período de expansão em sua economia, sendo necessário um maior consumo da *commodity*. Conforme exposto no gráfico 4, o PIB do país vem demonstrando um crescimento na faixa de 7% a.a..

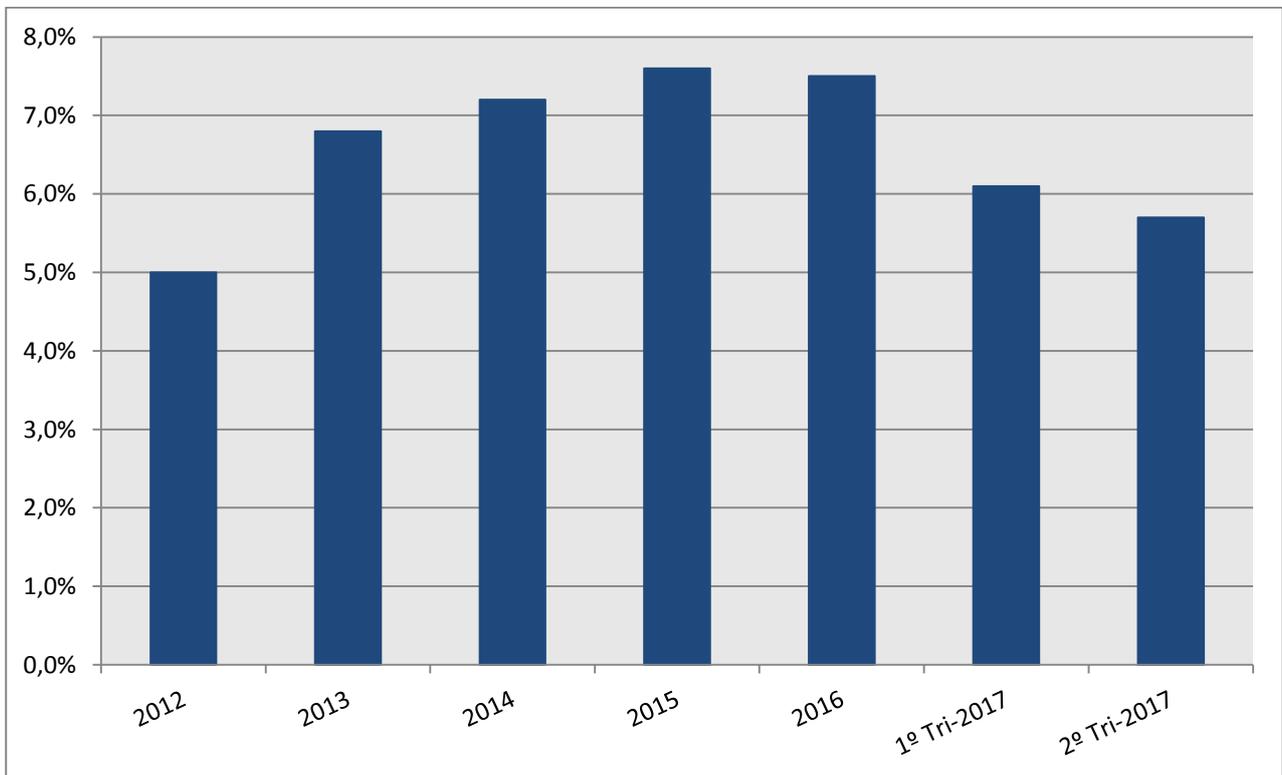
Assim, conclui-se que a demanda mundial será consumida, pela Ásia, sobretudo, Índia e China, e pelos EUA. Vale ressaltar ainda que, juntamente, os três países consomem cerca de 38% da demanda mundial de petróleo, ou seja qualquer choque na economia destas nações tende a impactar fortemente a demanda mundial.

Gráfico 3: PIB - China



Fonte: Broadcast

Gráfico 4: PIB - Índia



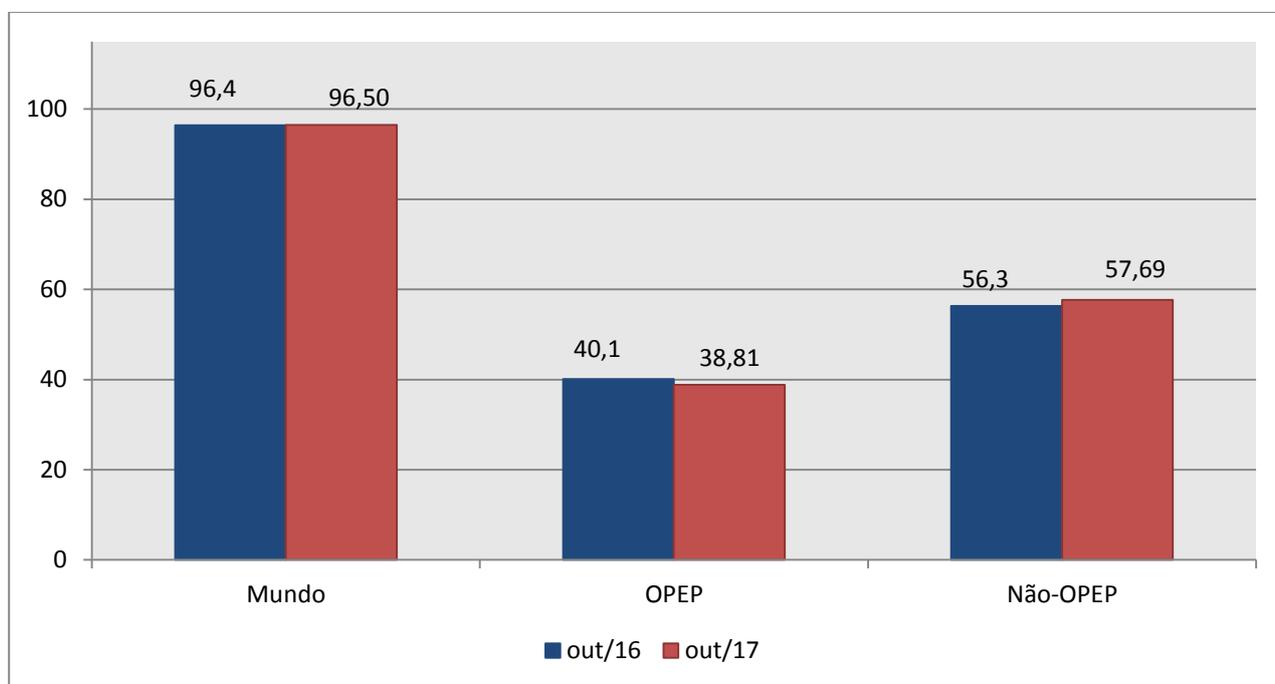
Fonte: Broadcast

4 – Oferta

4.1- Estimativa Relatório OPEP

Segundo a OPEP, a oferta mundial de petróleo será em 2017 de cerca de 96,4 milhões de barris ao dia (Mb/d), valor este a maior em 0,09 Mb/d na comparação com o estimado em outubro de 2016. Os países integrantes de seu bloco produzirão 38,81 Mb/d, caracterizando uma redução de 1,29 Mb/d em relação ao relatório de outubro do ano passado. Já os países não pertencentes ao cartel terão uma participação de 57,69 Mb/d, configurando um acréscimo de 1,39 Mb/d, na comparação de igual período de 2016. Tais afirmações podem ser vistas conforme o gráfico 5.

Gráfico 5: Estimativa Relatório OPEP

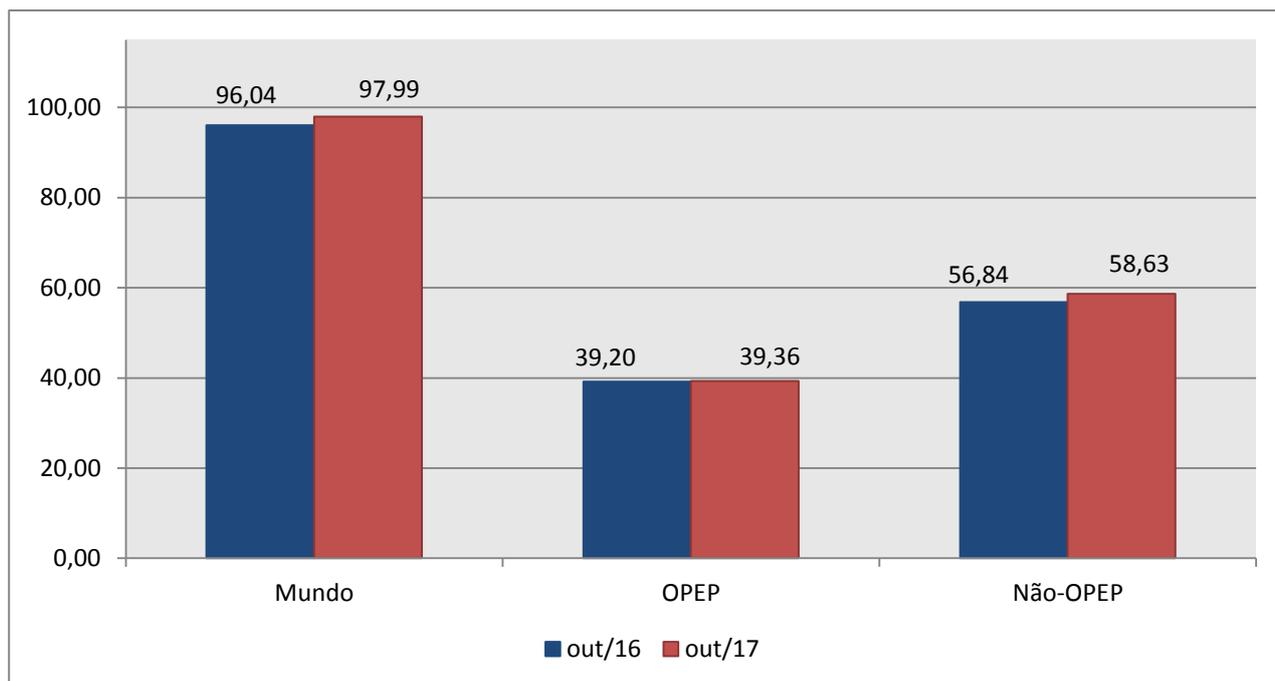


Fonte: OPEP/EIA

4.2- Estimativa Relatório EIA

De acordo com a EIA a produção global de petróleo encerrará o ano de 2017 em 97,99 mb/d, número este superior em 1,95 mb/d na comparação com o previsto em outubro de 2016. Os países que compõem a OPEP contribuirão com 39,36 mb/d do montante total, resultando um avanço de 0,16 mb/d ante ao previsto no relatório de outubro do ano passado. Já os países não integrantes do bloco ofertarão 58,63 mb/d, representando uma alta de 1,79 mb/d na comparação de igual período de 2016. Tais afirmações podem ser vistas conforme o gráfico 6.

Gráfico 6: Estimativa EIA



Fonte: OPEP/EIA

4.3- OPEP x EIA

Assim, fazendo um comparativo entre as perspectivas da OPEP e da EIA em relação à oferta para o encerramento do ano, pode-se dizer que:

- 1- Ambas as agências preveem que ocorrerá crescimento da oferta global neste ano, na comparação com o relatório de outubro de 2016;
- 2- A OPEP estima recuo da oferta dos países que estão vinculados ao cartel, já a EIA prevê aumento;
- 3- A OPEP presume avanço na oferta dos países não integrantes de seu bloco, bem como a estimativa da EIA.

Logo, tendo em vista o exposto acerca das projeções da demanda e oferta para o término de 2017, pode-se concluir que a OPEP e a EIA acreditam que haverá um crescimento tanto da demanda quanto da oferta global. Na concepção da OPEP haverá um crescimento maior da demanda ante a oferta, porém a EIA diverge de tal percepção, prevendo um avanço maior da oferta frente à demanda.

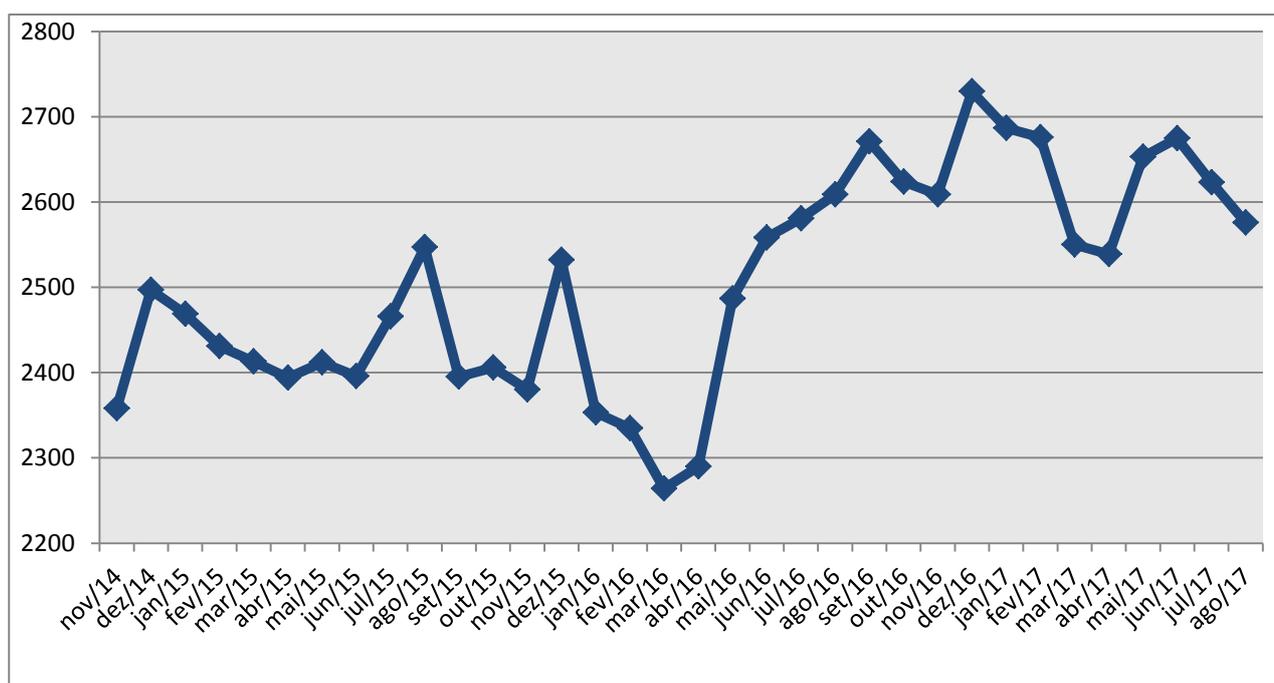
5 – Brasil

5.1- Produção

Conforme divulgado pela Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a produção de petróleo do país no mês de agosto ocorreu em 8.183 poços, sendo 743 marítimos e 7.440 terrestres. Houve um recuo de 51 poços em atividade na comparação ao mês anterior. Os poços marítimos, mesmo apresentando um número quantitativamente inferior aos de origem terrestre, produziram em torno de 95% de petróleo do país, no mês em questão.

Segundo a ANP, a produção nacional em agosto registrou 2.576 mil barris de petróleo ao dia (Mbbbl/d), configurando um recuo de 1,8% em relação ao mês de julho. Tal afirmação pode ser observada na série histórica do gráfico 7.

Gráfico 7: Histórico de produção de petróleo



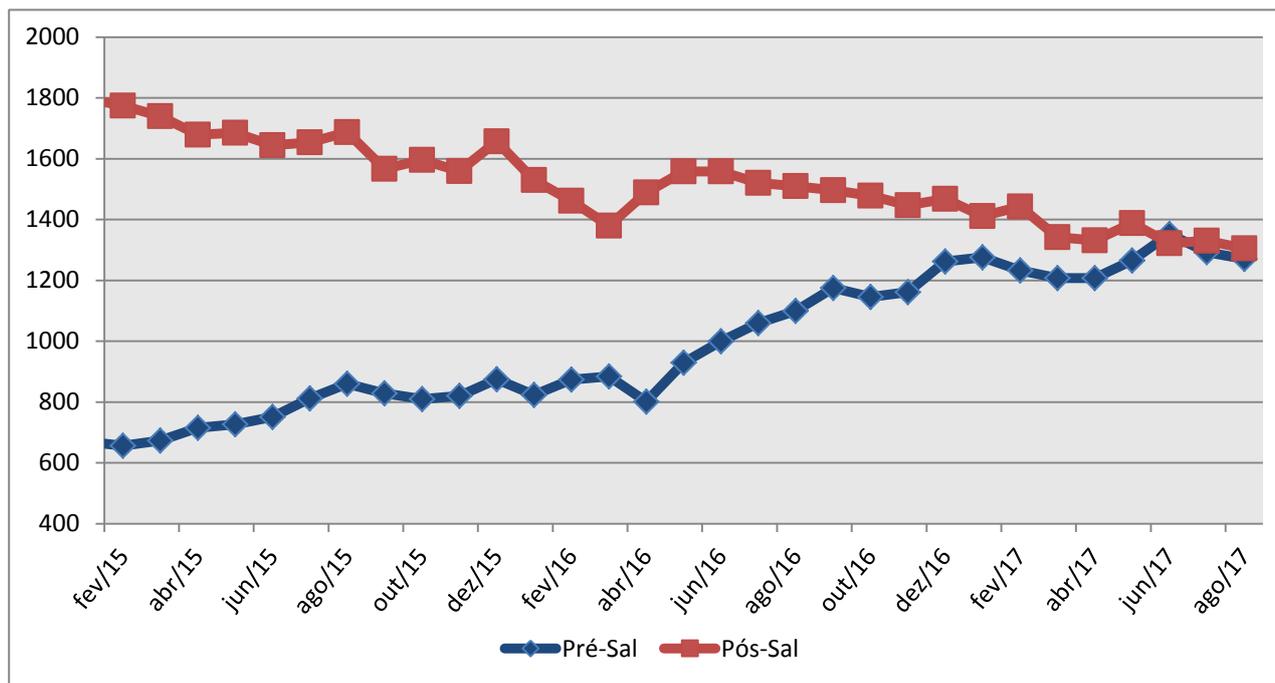
Fonte: ANP/GOP

5.2- Pré-Sal x Pós-Sal

No mês de agosto o pré-sal, registrou uma produção de 1.271 Mbbbl/d. Tal produção é oriunda de 84 poços, o que representa aproximadamente 49% do total produzido no Brasil. Na comparação do período observado com o mês de julho, a produção declinou cerca de 1,7%. Já o pós-sal registrou no mês em análise 1.305 Mbbbl/d, o que equivale aproximadamente 51% da produção nacional. Este número reflete uma queda de 1,9% comparada ao mês de julho.

Desse modo, conforme verificado no gráfico 8 pode-se perceber que a curva relacionada à produção do pós-sal apresenta viés de queda, movimento este influenciado, em especial, pelo grau de maturidade atingido por seus campos. Já a curva relacionada ao pré-sal, vem registrando crescimento ao longo do ano. Contudo, nos últimos dois meses verifica-se declínio em sua produção, fato este causado, sobretudo, pelas paradas programadas das FPSOs da Cidade de Maricá e da Cidade de Itaguaí, ambas instaladas no campo de Lula, na da Bacia de Santos.

Gráfico 8: Evolução da produção do Pré-Sal e Pós-Sal



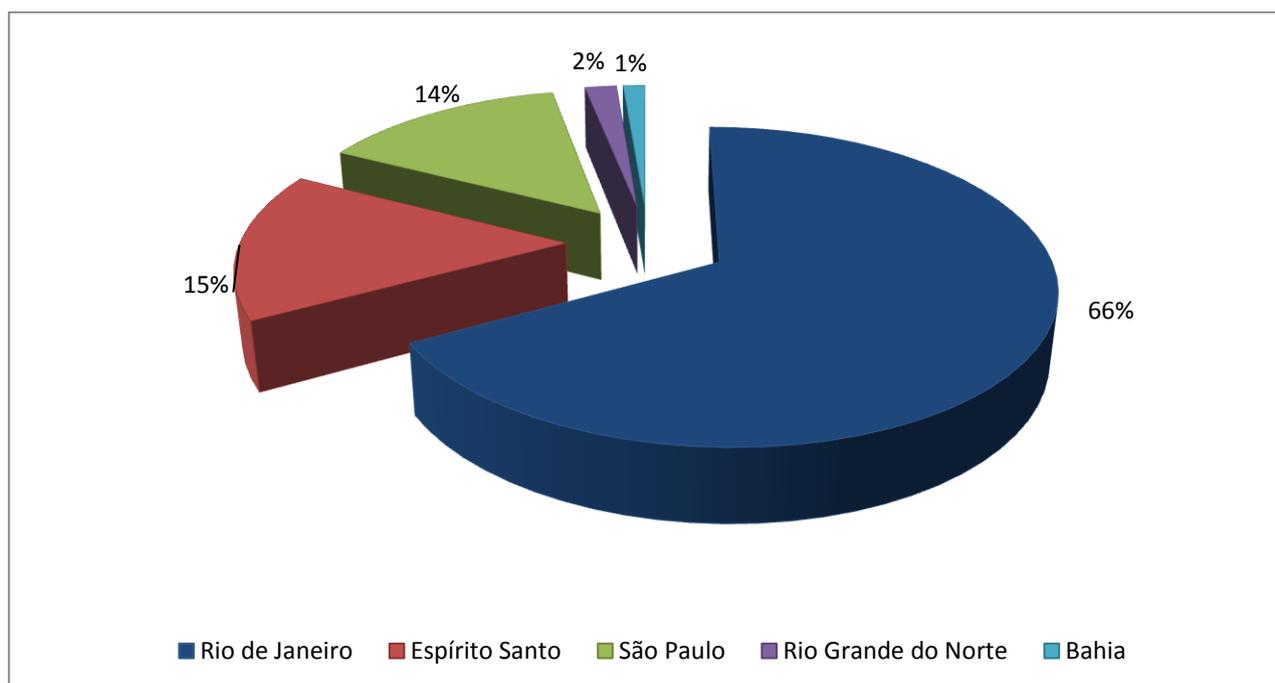
Fonte: ANP/GOP

5.3- Estados Produtores

Atualmente, o Brasil possui dez (10) estados produtores de petróleo, sendo os maiores produtores Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo, Rio Grande do Norte e Bahia. De acordo com a ANP, o Rio de Janeiro possui maior notoriedade, pois ele, somente, foi responsável por 66% da produção nacional referente ao mês de agosto.

Faz-se perceptível a importância do petróleo para o Estado, visto que o somatório da produção dos outros quatro maiores produtores representam juntos apenas 49% da produção fluminense. Vale ressaltar ainda, que o Estado de São Paulo é detentor de apenas seis (6) poços em atividade, mas que apresenta elevado grau produtivo, conduzindo assim, o estado à posição de terceiro maior produtor do Brasil. Tais afirmações podem ser vistas, respectivamente, no gráfico 9 e na tabela 1.

Gráfico 9: Estados produtores



Fonte: ANP/GOP

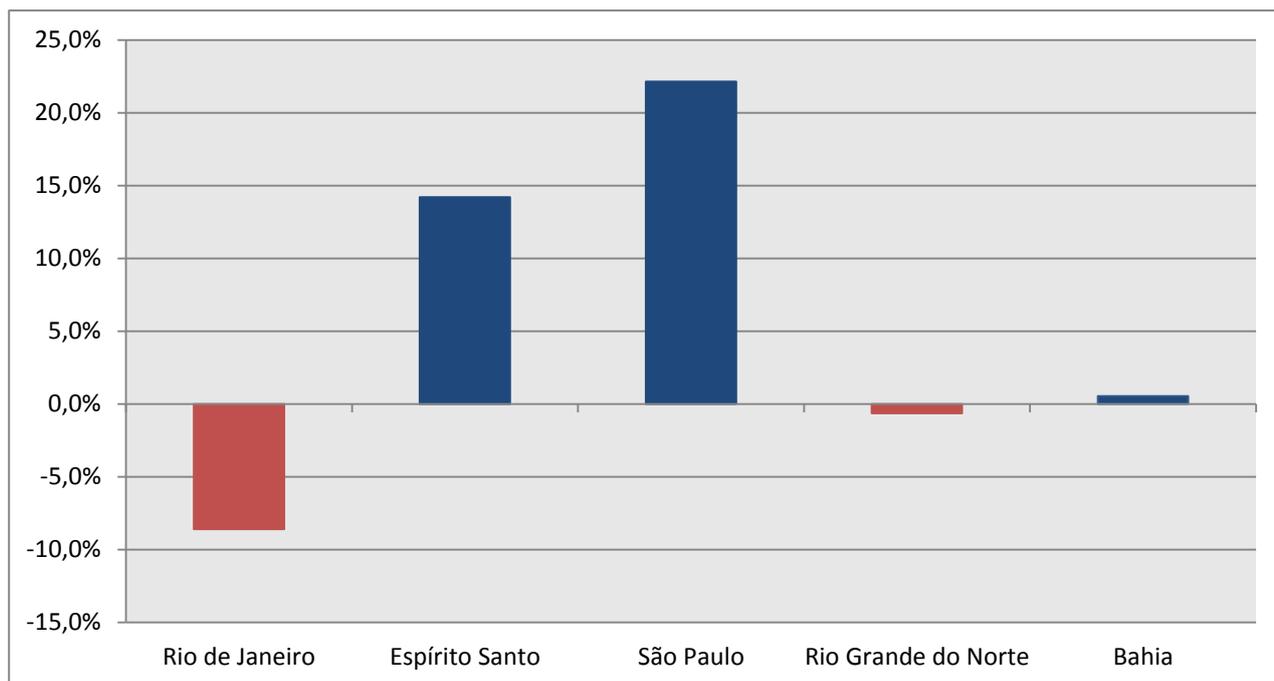
Tabela 1: Distribuição da Produção por Estado

ESTADO	PRODUÇÃO	Nº CAMPOS PRODUTORES
Rio de Janeiro	1.691.390	42
Espírito Santo	393.326	47
São Paulo	360.467	6
Rio Grande do Norte	46.493	77
Bahia	32.283	85

Fonte: ANP/GOP

Em relação à produção, referente ao mês de agosto, dos estados mencionados pode-se verificar que o estado do RJ apresenta uma redução quanto a sua produção. Como este detém grande parcela da produção nacional, qualquer variação em seu grau produtivo influencia a direção do montante total.

Gráfico 10: Variação da Produção – Principais Produtores Estaduais



Fonte: ANP/GOP

5.4- Bacias

Grande parte das jazidas brasileiras de petróleo estão situadas em bacias sedimentares, sendo sua maioria em locais marítimos de águas profundas. Estas não se restringem apenas a uma localidade, podendo abranger dois ou mais estados. Hoje em dia a produção nacional é oriunda de doze (12) bacias, dentre as quais se destacam: Bacia de Campos - ES / RJ; Bacia de Santos - SP / RJ; Bacia Potiguar - RN; Bacia do Recôncavo - BA e Bacia do Espírito Santo – ES/BA.

A Bacia de Campos e a Bacia de Santos somaram no mês observado cerca de 94% da produção nacional, o que comprova a extrema concentração da capacidade produtiva do país nestas, como pode ser verificada na tabela 2.

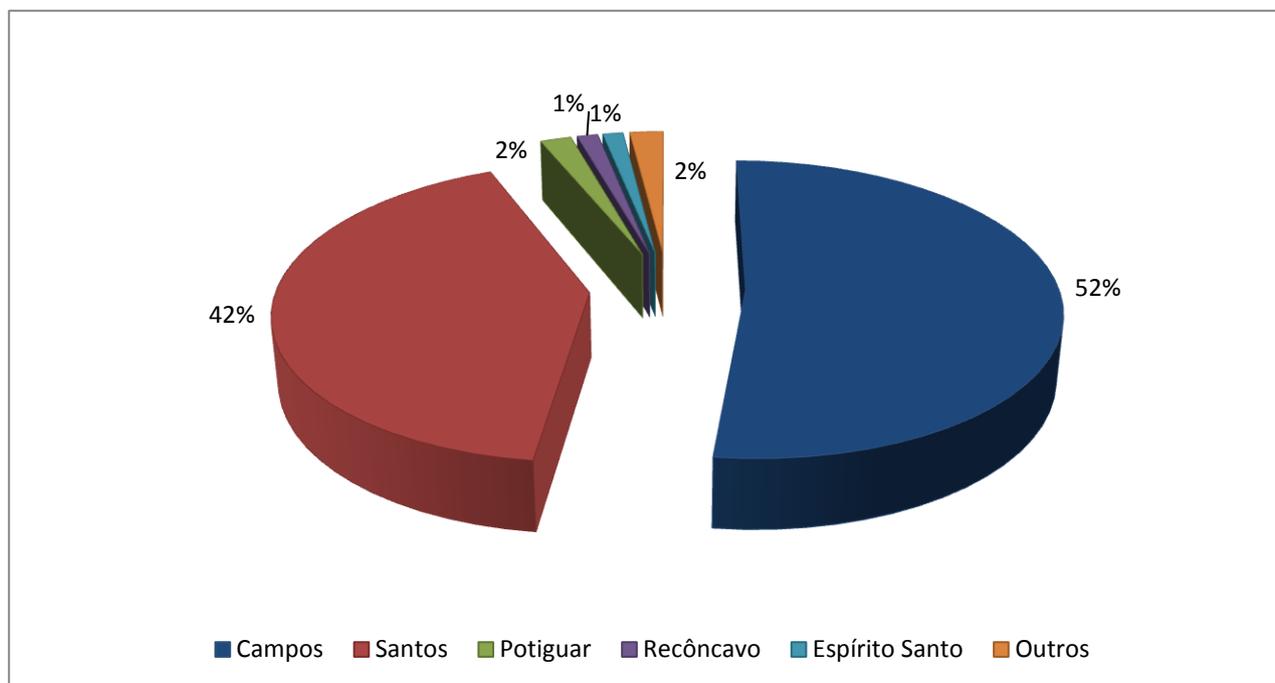
Tabela 2: Distribuição da Produção por Bacia

BACIA	PRODUÇÃO	Nº CAMPOS PRODUTORES	LOCALIZAÇÃO
Campos	1.338.621	46	Rio de Janeiro/Espírito Santo
Santos	1.075.360	10	Rio de Janeiro/São Paulo
Potiguar	47.715	79	Rio Grande do Norte
Recôncavo	31.794	80	Bahia
Espírito Santo	31.202	39	Espírito Santo/Bahia

Fonte: ANP/GOP

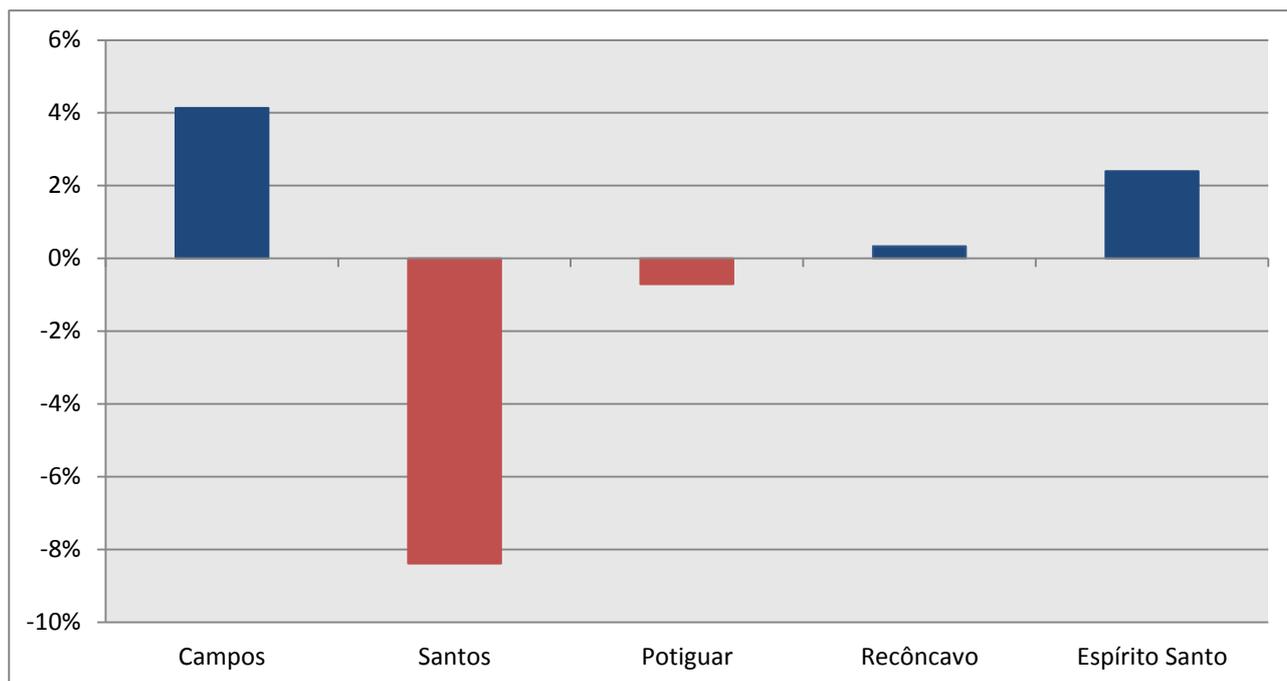
No mês em análise, como já mencionado, a ANP divulgou a produção nacional de 2.576 Mbbl/d (mil barris por dia) ao qual foi constatado um decréscimo frente a julho. A ênfase na redução da produção total do mês de agosto pode ser atribuída à bacia de Santos, que apontou uma variação negativa em torno de 8% na comparação com o mês anterior. Tais constatações podem ser vistas no gráfico 12.

Gráfico 11: Produção de Petróleo por Bacia



Fonte: ANP/GOP

Gráfico 12: Variação de produção das principais Bacias



Fonte: ANP/GOP

5.5- Campos

No que concerne aos campos pode-se destacar os cinco maiores produtores: Lula, Sapinhoá, Roncador, Jubarte e Marlim Sul. Estes juntos somaram no mês de junho cerca de 61% da produção de petróleo operada no país, e estão concentrados nas Bacias de Santos e de Campos.

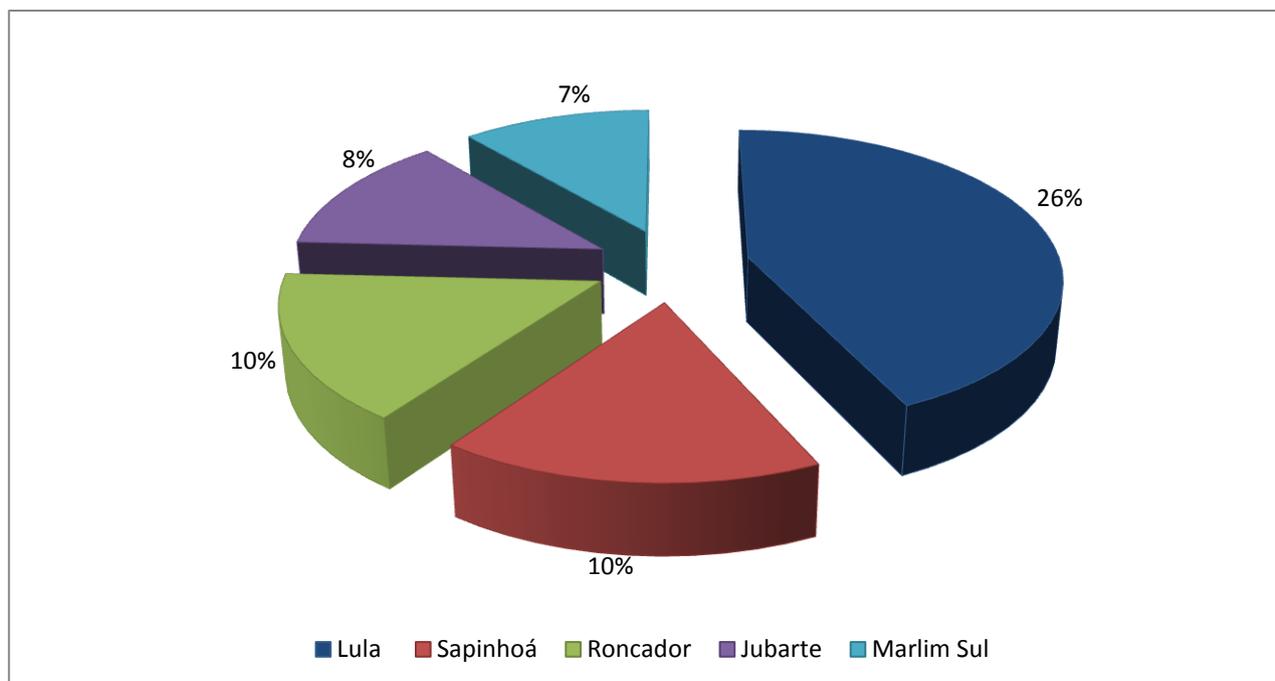
Tabela 3: Distribuição da Produção por Campo

CAMPO	PRODUÇÃO (Mil barris)	LOCALIZAÇÃO
Lula	675	Santos
Sapinhoá	263	Santos
Roncador	249	Campos
Jubarte	203	Campos
Marlim Sul	176	Campos

Fonte: ANP

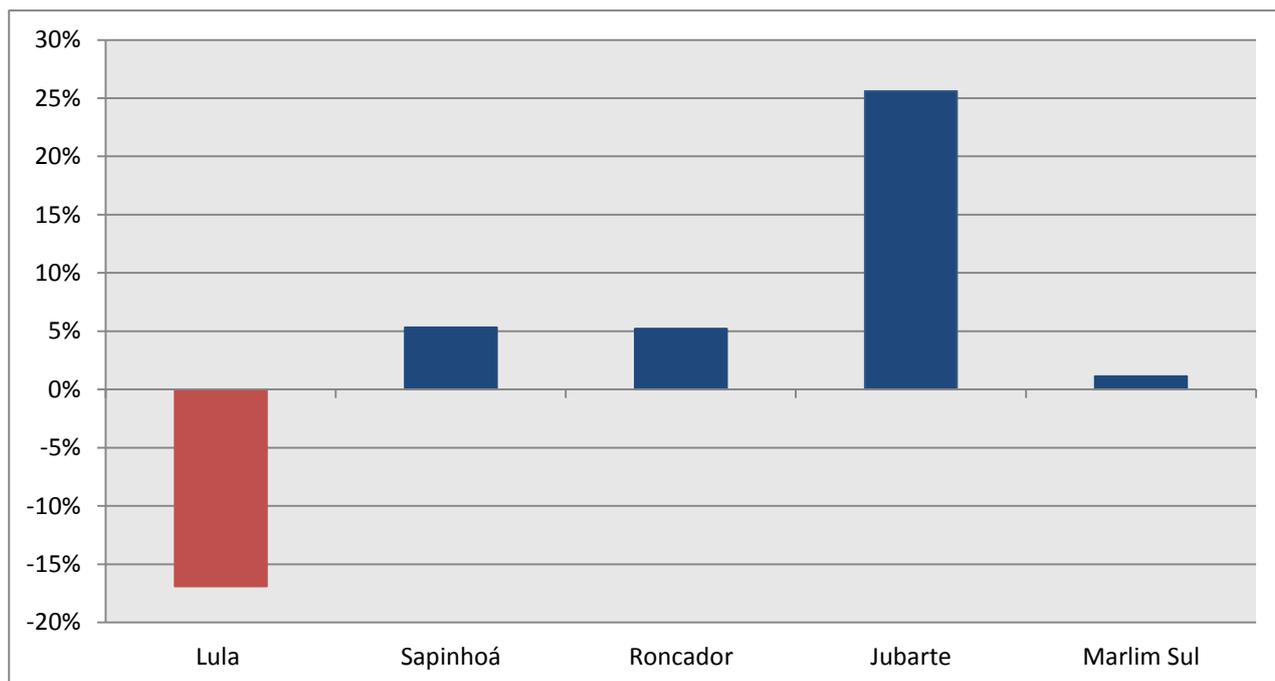
O campo de Lula, na Bacia de Santos, possui maior destaque dentre os citados, pois este, somente, representa no mês de agosto, aproximadamente 26% do resultado nacional. A produção de petróleo de Lula, no mês em questão apontou uma produção de 675 Mbbbl/d, configurando-se um decréscimo de 17% na comparação com o mês anterior, sendo assim, o principal responsável pela queda de produção do Estado do Rio de Janeiro. Tais ratificações podem ser vistas, respectivamente, nos gráficos 13 e 14.

Gráfico 13: Produção de Petróleo por Campo



Fonte: ANP/GOP

Gráfico 14: Variação de produção dos principais Campos



Fonte: ANP/GOP

Dessa forma, pode-se concluir que a redução da produção nacional, vistos no item 5.1, deu-se pela baixa da produção do Pré-Sal. Este recuo foi influenciado pelo declínio de produção da Bacia de Santos, esta sendo, sobretudo, motivada pelas perdas oriundas do Campo Lula.